

Ricos não mudam táticas para enfrentar crise de países em desenvolvimento

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

WILLIAMS-BURG — Os países industrializados encerraram ontem sua nona reunião de cúpula econômica manifestando preocupação com a situação financeira das nações em desenvolvimento mas concordando em manter as mesmas táticas seguidas até agora para resolver a crise, através dos programas de ajuste econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI), e na expectativa de que a economia mundial se recupere e se sustente e de que o comércio seja mais livre.

Não houve qualquer compromisso para aumentar ou criar novos recursos financeiros, fora dos mecanismos já existentes, além da disposição de procurar a ratificação antecipada do aumento dos recursos do Fundo Monetário.

No caso específico do Brasil, observava uma fonte americana, o País terá que procurar renegociar seu programa com o FMI, de maneira a ter acesso a mais recursos, inclusive os dos bancos comerciais.

A "Declaração de Williamsburg sobre recuperação econômica", lida pelo Presidente Ronald Reagan ao término de dois dias de discussões com seus colegas da Inglaterra, França, Itália, Alemanha Ocidental, Canadá e Japão, destaca o acordo sobre a manutenção das táticas para enfrentar a crise financeira, baseado em quatro pontos: políticas eficazes de ajuste e desenvolvimento por parte das nações devedoras; financiamentos oficiais e privados adequados; mercados mais abertos e recuperação econômica mundial.

O consenso das nações industrializadas é no sentido de reforçar e insistir na importância do papel do Fundo Monetário para o tratamento da crise financeira.

— Reafirmamos a estratégia da orientação do FMI — disse o Ministro das Finanças inglês, Geoffrey Howe, que discutiu especificamente o caso do Brasil numa conversa privada com o Secretário do Tesouro americano, Donald Regan.



Entretanto, ele acha que deve haver uma "cooperação íntima" financeira entre governos, instituições multilaterais e bancos para "dar tempo" aos programas de ajuste econômico.

O tratamento dado pelos líderes dos países industrializados ao problema da dívida das nações em desenvolvimento enfocou a situação numa perspectiva de médio e longo prazos. Quanto aos problemas imediatos que muitos países enfrentam, como o Brasil, para pagar seus compromissos internacionais, uma fonte americana observava que embora os governos estivessem dispostos a ajudar financeiramente num caso de emergência, não se devia considerar esse mecanismo como parte da solução.

CORREÇÕES DE LUCRO

Referindo-se ao caso brasileiro, a mesma fonte americana insistiu que o ponto de partida tem que ser o Fundo Monetário".

Os mecanismos usados até agora para ajudar não só o Brasil como vários outros países provaram ser eficientes, na opinião dos Ministros das Finanças reunidos nesta cidade colonial e, neste momento, não valeria a pena modificá-los, "pois já estão lubrificados", segundo um deles.

Para os Estados Unidos, segundo uma fonte do Departamento do Tesouro, poderiam ser feitas algumas correções de curso, como os próprios programas de ajuste do Fundo Monetário. Repetindo as afirmações do Secretário de Estado americano, George Shultz, a mesma fonte chamou a atenção para o excesso de austeridade de alguns programas. Isso principalmente na parte comercial, onde existe um conflito entre os programas do FMI e a necessidade de expandir o comércio e promover o desenvolvimento.

O Fundo Monetário encoraja o relaxamento das restrições às importações — disse a mesma fonte, observando que um recente estudo do Departamento do Tesouro indicava que dos 20 países com programas no FMI, 19 registraram aumento das importações.

Os financiamentos oficiais aos quais o documento de Williamsburg se refere seriam não aqueles diretamente oferecidos por governos, como os empréstimos-ponte do Tesouro americano ao Brasil, mas os envolvendo as contribuições oficiais a instituições multilaterais.

Interrogado sobre se os países devedores poderiam contar com ajuda direta de governos, ou bancos centrais, para resolver seus problemas de pagamentos imediatos, o Secretário do Tesouro americano afirmou que "não se deve supor que os bancos centrais façam empréstimos a países".

— Eles não estão aí para fazer empréstimos individuais — disse Regan num

briefing depois da divulgação da "Declaração de Williamsburg".

O problema da dívida mereceu apenas um parágrafo da declaração. Isso porque o consenso era de que a maneira como está sendo resolvido o problema é correta. Mas como antecipava o Secretário do Tesouro americano, a mensagem seria de esperança.

Isso porque as nações industrializadas contam, para a solução do problema, com dois pressupostos, cuja concretização era motivo de dúvida para vários países participantes da reunião de dois dias nesta cidade colonial americana: a recuperação econômica mundial e a liberalização do comércio.

NOVE PONTOS

Até agora, reconhecem os líderes industrializados, existem apenas sinais de recuperação. Para sustentá-la, eles concordaram com uma série de medidas expostas nos outros nove pontos da declaração final:

1 — Políticas orçamentárias e monetárias apropriadas que conduzam a uma inflação menor, taxas de juros mais baixas e maiores oportunidades de emprego.

2 — Consultas para promover a convergência da performance econômica de cada um e maior estabilidade cambial.

3 — Compromisso para restringir o protecionismo comercial através de novas negociações, inclusive com os países em desenvolvimento.

4 — Os Ministros de Finanças foram convidados para definir, junto com o FMI, as condições para melhorar o sistema monetário internacional. Os ministros seriam apenas do "Grupo dos Cinco" (Estados Unidos, Japão, França, Inglaterra e Alemanha Ocidental) cujas moedas compõem a cesta dos Direitos Especiais de Saque. Quanto à participação de países em desenvolvimento nas discussões, Reagan respondeu a essa possibilidade com um categórico não.

5 — Maior assistência aos países mais pobres, através das instituições multilaterais, como a Associação Internacional de Desenvolvimento (AID), do Banco Mundial. Os industrializados também se mostraram dispostos ao diálogo oferecido pelos países em desenvolvimento, através do "Grupo dos 77", em Buenos Aires, e da Conferência dos Não-Alinhados, em Nova Deli.

6 — Promoção do desenvolvimento tecnológico.

7 — Conservação de energia e apoio à produção de programas alternativos nos países importadores de petróleo.

8 — As relações econômicas entre Leste e Oeste devem ser compatíveis com os interesses de segurança das democracias industrializadas.

9 — Fortalecimento da cooperação para a proteção do meio-ambiente.



Gaston Thorn, à esquerda, Khol, Mitterrand, Reagan, Nakasone, Fanfani, Trudeau e Geoffrey Howe